



R E V I S T A D I A K O N I A

“SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR.”



MASCULINIDADE
BIBLICAMENTE
QUALIFICADA

E X P E D I E N T E

EDITORES Adriano Gama
Elienai B. Batista

REVISÃO Ester Conceição dos Santos
Fábio Galvão

PROJETO Thiago A. Nunes
GRÁFICO

EDITORIAÇÃO Thiago A. Nunes

WEBSITE Israel F. B. Batista

FALE contato@revistadiakonia.org
CONOSCO

A revista Diakonia é uma publicação mensal do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

O Instituto João Calvino está localizado na Rua José Veríssimo no. 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE.
CEP: 54789-080. joaocalvino.org

Copyright 2017 Instituto João Calvino. Todos os direitos reservados.

S U M Á R I O

JIM
WITTEVEEN



EDITORIAL

04

IRALDO
LUNA



PRECISAMOS DE HOMENS
QUALIFICADOS PARA OS
OFÍCIOS

06

JIM
WITTEVEEN



O QUE É MASCULINIDADE
BÍBLICAMENTE QUALIFICADA?

11

ALAN
KLEBER



COMO ORGANIZAR ESTUDOS
E OUTRAS ATIVIDADES COM O
OBJETIVO DE PROMOVER
UMA MASCULINIDADE BÍBLICA
NA IGREJA

15

FLÁVIO
JOSÉ SILVA



COMO É O PROCESSO PARA
A ESCOLHA DE OFICIAIS NAS
IGREJAS REFORMADAS

19

EDITORIAL

Jim Witteveen

Bem-vindos à primeira edição da Revista Diakonia! É com grande prazer que apresentamos esta nova revista e website dedicada a fornecer recursos para ajudar os diáconos, presbíteros e pastores a realizarem seus papéis vitais dentro do corpo de Cristo.

Esta revista é uma apresentação do Instituto João Calvino, o seminário das Igrejas Reformadas do Brasil. O Instituto João Calvino, tem como propósito o treinamento de homens para assumir a liderança na Igreja de Cristo. Fazemos nosso trabalho com base na Escritura, a fonte de toda sabedoria, subscrevendo aos padrões das Igrejas Reformadas (a Confissão Belga, o Catecismo de Heidelberg, e os Cânones de Dort), no contexto da Aliança. Este contexto é significativo em termos dos pressupostos que guiam a nossa abordagem às questões de liderança na Igreja, e também quanto ao conteúdo dos artigos que publicamos.

Primeiramente, nós fazemos o nosso trabalho dentro de um contexto histórico. Não precisamos “reinventar a roda” quando pensamos em como devemos tratar os vários aspectos de liderança na Igreja, porque estamos construindo em um fundamento já construído desde a época da Reforma Protestante. Os próprios Reformadores não começaram este trabalho do zero, mas voltaram “ad fontes”, à

Bíblia e aos ensinamentos dos pais da igreja antiga. Eles redescobriram o papel fundamental dos ofícios eclesiásticos e a importância destes ofícios na vida do rebanho do Bom Pastor.

Eles trabalhavam com a Escritura, buscando os princípios que poderiam ser encontrados na Palavra, e como esses princípios poderiam ser aplicados em termos práticos. Eles também fizeram este trabalho no contexto da Igreja - “a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1 Tm 3.15).

Então o contexto da aliança significa que aprendemos com alegria dos nossos antepassados na fé, na Igreja Reformada, e que nos esforcemos a fazer o nosso trabalho da mesma maneira. Prezamos a história e a sabedoria que encontramos na comunidade da aliança, ou seja, na Igreja universal que inclui a Igreja dos séculos passados, e a Igreja em toda parte do mundo.

Mas o contexto da Aliança também nos lembra que temos nesta publicação um grande privilégio e uma grande responsabilidade. Porque a vida na aliança é governada por oficiais, homens apontados por Jesus Cristo, para liderar as ovelhas para quem Jesus morreu. Os líderes da Igreja lidam com questões de vida e morte, e vida e morte eterna. Esta tarefa é séria, e exige treinamento e aprendiza-

gem. Portanto, quando escolhemos os temas e os artigos que publicamos, fazemos isso cientes da importância de nosso trabalho.

Sabemos que poucos recursos práticos são disponíveis na Língua Portuguesa quanto aos papéis dos oficiais na Igreja, e estamos aqui para preencher este vazio. Mas esta falta de recursos não significa que vamos publicar qualquer escrito, não importa a qualidade, simplesmente para preencher as páginas virtuais desta revista. Não, queremos providenciar os melhores recursos que podemos para ajudar aos homens da Igreja a “guardar o bom depósito” (2 Tm 1.14), e “atender por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo se constituiu bispos, para pastorear a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue” (At 20.28).

Nossa oração, é que Deus use a Revista Diakonia para fortalecer e habilitar homens a fazer seu trabalho no rebanho efetivamente, sabiamente, humildemente, e piedosamente. Nestas páginas iremos encontrar “teologia prática,” que é na verdade, o que toda teologia deve ser. Que Deus abençoe sua leitura desta primeira edição, e ajude todos nós a aplicar o que aprendemos no nosso próprio ministério seja como diácono, presbítero, pastor, ou membro da Igreja de Deus.

O Pr. JIM WITTEVEEN é Ministro da Palavra e dos Sacramentos servindo como Missionário da Igreja Reformada em Aldergrove (Canadá) em cooperação com as Igrejas Reformadas do Brasil. Ele é professor e um dos diretores do Instituto João Calvino.

PRECISAMOS DE HOMENS QUALIFICADOS PARA OS OFÍCIOS

Iraldo Luna

*Ai de ti, ó terra cujo rei é criança e cujos príncipes se banqueteiam já de manhã. Ditosa, tu, ó terra cujo rei é filho de nobres e cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo para refazerem as forças e não para bebedice.
(Ec 10.16-17)*

Sem dúvida, um dos temas que mais precisa de nossa atenção dentro do mundo eclesial é o da liderança da igreja: os ofícios. Em geral, as igrejas têm enfrentado alguns problemas, seja pela falta dos ofícios, ou pela presença deficiente deles.

Esse tem sido um verdadeiro desafio para a igreja de nossos dias. A carência de homens para os ofícios é notória diante da urgente necessidade de alimentar o rebanho de Deus e de protegê-lo dos lobos. O rebanho está sofrendo, as ovelhas estão sendo atacadas e a comida está escassa. Onde estão os líderes para nos proteger e alimentar? Clamam as ovelhas.

Lendo isso, alguém pode estar se perguntando: Mas em minha igreja há presbí-

teros e diáconos; ou melhor, eles estão na maioria das igrejas. Como podemos falar de necessidade urgente de líderes para o rebanho? A resposta está no tipo de igreja que temos visto crescer em nossos dias; igrejas fracas, desprotegidas e, pior, muitas delas sem Cristo, sem o Evangelho.

A relação que isso tem com os ofícios na igreja nem sempre se dá pela falta de homens, e sim pela ausência de homens qualificados para ser a presença de Cristo, o Supremo pastor, em sua igreja. Sendo assim, o objetivo deste artigo é mostrar a importância de termos homens qualificados para os ofícios, bem como oferecer aos pastores e líderes uma pequena reflexão sobre como eles podem ajudar a sua congregação a escolherem seus próprios líderes.

A maturidade (ou a falta dela) nos ofícios afeta a vida da igreja

Quando falo da dificuldade em ter homens para o ofício, não me refiro a quantidade de homens na igreja, e sim, a qualidade deles. Soa meio ofensivo dizer que não há homens na igreja quando os mesmos estão sentados nos bancos, participando das atividades, especialmente dos cultos públicos.

De fato, é ofensivo! Mas a questão é: a quem é ofensivo? Certamente não aos homens, mas a Deus. Ele deu homens à sua igreja para que a governem e liderem o povo dEle como homens cristãos. O apóstolo Paulo, em Efésios 4.7-8, revela que esses homens são dados à igreja como dom de Cristo: *“E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens.”* Ou seja, esses homens trazem da parte de Cristo *graça*¹. Com isso, não é difícil concluir que a falta deles no ofício traz sérios problemas à igreja. É como privar a igreja de receber graça.

Isso se torna perceptível quando vemos uma igreja com vários homens e poucos oficiais. A igreja caminha a passos lentos, como um homem que tem sérios problemas no coração e que, por isso não pode caminhar como normalmente faria porque está com seu sistema respiratório comprometido.

É no mínimo embaraçoso, para não dizer vergonhoso, ver uma igreja repleta de famílias, com mulheres e crianças, o que pressupõe que haja homens também, e a maioria desses líderes do lar sentados nos

bancos, e apenas isso. Isso certamente pode ser um indicativo de um problema: ou falta maturidade na igreja para enxergar os seus líderes, ou nos próprios homens, que não conseguem ser líderes.

A igreja sofre com isso, mas, por outro lado, não é penalizada por ter homens no ofício sem ter a menor qualificação para tal. Isso sim pode ser um inimigo mortal para igreja. No mesmo capítulo, em Efésios 4, nos versos 11-15, Paulo escreve:

“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro.”

O que se espera dos que entram em um ofício na igreja, é que trabalhem *“com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo.”* O objetivo é claro: aperfeiçoamento e edificação. Não foi para menos do que isto que Cristo deu os ofícios a Sua igreja, e ela não deve se contentar em permanecer estagnada, sem crescimento. E os ofícios participam desse crescimento de modo vital, pois representam o próprio Cristo trabalhando para o crescimento do Seu corpo.

Mas, o crescimento da igreja por meio dos ofícios não é um fim em si mesmo. Ele deve

chegar a algum lugar. Isso nos é dito na passagem citada de Efésios, pois o fim está delimitado: *“Até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo”*.

Ora, se o trabalho de edificação tem como finalidade a maturidade e conhecimento na pessoa de Jesus Cristo, como um líder que não tem nem mesmo os ingredientes básicos para guiar o povo nisto, poderá levar a igreja a essa maturidade em Cristo? Não demoraria muito para concluirmos que, se depender do ofício de líderes imaturos e desqualificados, isso não vai acontecer.

Sem o conhecimento de Cristo e a maturidade nEle a igreja não será apenas manca, na verdade, ela perderá suas forças vitais. Ninguém ousa discordar que sem Ele não há igreja. Se o cérebro não estiver vívido, o corpo terá morte certa, não há mais volta. Quando os médicos declaram morte cerebral, só um milagre pode salvar. Exija dos oficiais em sua igreja nada menos do que Cristo, caso contrário, você morrerá. Isto deixa claro que, a escolha de oficiais para a igreja não apenas é necessário, mas é também um passo vital.

Homens desqualificados para o ofício, abrem as portas para os lobos, mesmo sem saber, apertando-lhes as mãos. Para esses homens há dois caminhos, ou fazem o que acharem melhor, ou fazem o que o povo achar melhor. Entretanto, no governo da igreja não existe nenhuma destas duas opções. Só há um caminho para o governo, e este caminho é Cristo.

Os oficiais devem promover a maturidade cristã em nós de forma que sejamos capazes de suportar a força do vento que tenta nos arrastar, e as investidas malignas para nos destruir. Estes homens, quando exercem seus ofícios desprovidos das qualidades dadas por Cristo, servirão a igreja, como um “prato pronto” aos lobos.

Sem maturidade em Cristo, eles dão docinhos em vez de alimento consistente; eles permitirão que mentiras entrem na igreja como verdade, pois não saberão dizer não à mentira. Muitas destas modinhas evangélicas, como por exemplo, tirar o caráter solene do culto e transformá-lo numa reunião de um grupo de autoajuda, ou de expressões musicais e corporais, são consequências de líderes imaturos que veem a igreja apenas como uma organização em que deve haver certa ordem, e não como o corpo de Cristo e o baluarte da verdade.

Ministros ajudando a igreja

Pastores são guias, e isso quer dizer que, a igreja precisa deles para ajudá-la a escolher os seus líderes segundo a vontade do Senhor. Mas, como os ministros podem fazer isso? Para responder a essa pergunta de modo claro e prático, vou dividir esse tópico em duas partes.

Pastores sendo líderes

O ministério pastoral não se resume em apenas “fazer”, antes de qualquer coisa, começa com “ser”. Se o pastor quiser instruir a sua congregação em como escolher líderes, primeiro ele precisa ser um.

Seja homem! — pastores “apontam” para si primeiro. Os membros devem olhar para o

pastor e ver um líder maduro; ele não é um professor, e sim um guia; sua própria vida deve ser um exemplo do que ele prega. O apóstolo Paulo fez isso quando disse: “*Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo*” (1Co 11.1). A igreja não apenas precisa de pessoas que apontem o caminho, mas de pessoas que a levem pelo caminho. A congregação aprende muito pelo que vê no seu líder, no modo como ele lida com os outros, com a sua esposa e com a sua família; no modo como ele realiza o seu trabalho. A seriedade e o compromisso do pastor para com seu ofício diz muito se ele deve estar lá ou não. Assim, a igreja pode realmente medir, de modo prático, quão abençoador é ter um homem qualificado no ofício; um *homem*, não uma peça.

Exerça o ministério com seriedade — quando o pastor mostra à congregação amor pelo que faz, ele não só instrui sobre liderança com a sua vida, mas também estimula a igreja a desejar os seus líderes. Um dos maiores desafios para a liderança pode ser ter que mostrar à congregação que vale a pena ter líderes, e líderes qualificados. Normalmente, esse desafio surge quando uma igreja está desacreditada na sua liderança porque não consegue ver nela amor e seriedade pelo ministério; se a igreja não vê isto em seus pastores, ela elegerá qualquer pessoa para os ofícios. Se a igreja nota que os seus líderes não acreditam no que fazem, ela também não acreditará.

Porem, se um pastor mostra que cumpre o seu ofício com integridade, o povo verá os frutos disso e vai desejar uma liderança forte.

Viva com a congregação — a igreja precisa sentir que seu pastor está ao seu lado. Não

nos esqueçamos de que as ovelhas devem conhecer a voz dos seus pastores (Jo 10.14-16). Quando uma igreja tem um conselheiro em vez de um homem de negócios como seu líder, ela se sente mais confiante para receber o ensino. Isso vale também para a relação entre o pastor e os homens da igreja. Conhecê-los de perto ajudará o pastor a detectar os pontos fracos desses homens.

Pastores sendo pastores

Só de exercer o seu ofício devidamente, um pastor já terá feito muito trabalho na instrução da congregação acerca da escolha de homens para o ofício. Mas isso não é tudo, é preciso arregaçar as mangas. O pastor alimenta e protege as ovelhas, e faz isso com o ensino. Os pastores devem ensinar aos membros uma visão bíblica sobre os ofícios, e isso não significa apenas citar 1Timóteo 3 e Tito 1. É necessário ensinar a congregação sobre como essas qualificações podem ser observadas.

Por exemplo, ele deve ensinar sua congregação a observar nos homens alguns pontos básicos como:

a. *seu compromisso com a igreja* — um homem que não tem compromisso com a igreja por não ter um ofício, não terá quando exercer algum. A igreja deve escolher homens que tenham, além das qualificações bíblicas, envolvimento com as atividades da congregação. Alguém que não tem tempo ou comprometimento com a vida da igreja não poderá guiar outros para isso. Isso vale principalmente para os homens que não estão presentes no culto solene.

b. *sua liderança em casa* — a Bíblia diz que o homem que não governa a sua casa não deve governar a igreja. A postura do homem para

com a sua família diz muito sobre que tipo de líder ele é. Uma casa onde o homem não dirige a sua família a Cristo não é uma casa bem governada, e assim será com a igreja.

c. *sua vida com e na palavra* (maturidade cristã) — um homem imaturo deve estar longe de qualquer ofício. Não podemos ser negligentes ao ponto de colocarmos homens imaturos nos ofícios achando que isso fará com que eles amadureçam. Antes de exercer, ele já deve ser apto para discernir a verdade, caso contrário, sufocará a igreja com regrinhas (leis) humanas. Um homem maduro na Palavra correrá disso.

d. *sua vida entre os ímpios* — o bom testemunho pelos de fora é algo muito negligenciado nas igrejas. Homens que não sabem conversar, se comportar e se expressar de modo santo fora da igreja, entre os amigos descrentes, os colegas de trabalho e familiares, acabam mostrando quem eles realmente são. É quando um homem está entre os ímpios que vemos quão santo ele é.

e. *seu amor* — cada ofício tem suas características próprias que o diferencia de outro. Mas uma coisa que é comum em todos: o

amor. Um homem que tem dificuldades para demonstrar amor deve estar longe de qualquer ofício, porque o amor é uma marca básica da obra de Cristo. Um homem sem amor pisará as ovelhas de Cristo e acabará, na verdade, sendo mais orgulhoso ainda; quem tem dificuldades para demonstrar amor é quem se ama de mais.

Enfim, precisamos de homens para os ofícios que sejam representantes de Cristo em nosso meio. Não precisamos de gerentes ou bons administradores, e sim, de homens que têm plena consciência de que seu ofício é um trabalho espiritual cujo propósito é levar a congregação a Cristo. Como num círculo vicioso, homens desqualificados produzirão uma igreja imatura, e esta produzirá homens desqualificados. Isto só pode ser quebrado com a verdade de Deus no coração da congregação.

O Pr. **IRALDO LUNA** é Ministro da Palavra e dos Sacramentos, servindo na Igreja Reformada de Maragogi/AL.

1 A palavra grega usada por Paulo em Ef 4.7 para “dom” é *charis*, quer dizer “graça”.

O QUE É MASCULINIDADE BIBLICAMENTE QUALIFICADA?

Jim Witteveen

Vivemos numa época em que a noção de masculinidade é completamente ignorada e terrivelmente distorcida. Não são poucas as vezes em que vemos na TV, os homens, especialmente os pais, como tolos, incompetentes e fracos, enquanto seus filhos parecem fontes de sabedoria. Ou então, os homens são vistos como valentões que usam de sua força para ameaçar e intimidar. Na verdade, as estrelas masculinas de Hollywood no esporte e na música, não são diferentes disso na vida real. A maioria destes famosos não parece ter o desejo de cuidar de sua mulher nem de suas próprias crianças. São abusivos, imaturos; adolescentes presos em corpos de homens-feitos; são efeminados e fracos – física, psicológica e espiritualmente. Hoje em dia, infelizmente, modelos de masculinidade são raros na sociedade em geral.

Até mesmo na igreja, muitos de nós, mesmo sendo homens que pertencem a Deus, não sabemos como nos comportar **como homens**. Começando pelo fato de que, nossa tendência natural é buscar querer os benefícios da mas-

culinidade, e rejeitar suas responsabilidades. Além disso, não temos exemplos para seguir, principalmente se nossos pais são descrentes. Sem contar que somos pressionados a nos conformar ao padrão do mundo, onde muitas pessoas acreditam que a masculinidade bíblica é antiquada e até perigosa. Existe também muita pressão dentro de nós, por parte de nossa natureza pecaminosa, para não realizarmos a nossa tarefa como homens, pois somos naturalmente preguiçosos e egoístas.

Neste contexto histórico, podemos ter dificuldades com exortações como esta: “*Sede vigilantes, permanecei firmes na fé, **portai-vos varonilmente, fortalecei-vos***” (1 Coríntios 16.13). E o nosso problema com esta instrução não é somente com a raridade da palavra “*varonilmente*” e talvez uma dificuldade com entendimento deste conceito, mas também a realidade ao redor de nós, e dentro de nós.

Mas temos em nosso Senhor Jesus Cristo o exemplo brilhante de masculinidade perfeita. Durante a encarnação, Ele nos mostrou o

que um homem deve ser, e o que realmente significa masculinidade verdadeira. O Rei dos reis e Senhor dos senhores, demonstrava liderança e o exercício de autoridade com perfeição, ao longo de seu ministério público. E o exemplo dEle nos surpreende, porque muitas vezes nós pensamos em liderança como o uso de força para realizar as nossas metas. Pensamos nos líderes como homens carismáticos e com habilidade de influenciar e comandar outras pessoas com a força de personalidade ou de armas. O homem com uma arma de fogo maior, com músculos maiores, maiores habilidades de persuasão, com o exército mais poderoso, ou com mais dinheiro é o homem respeitado neste mundo. Todavia, não era assim que Jesus liderava, e um homem que o segue também não deve ser assim – seja no contexto familiar ou na igreja. Os atributos de Jesus devem ser encontrados em um homem de Deus – como pai, marido, bispo (pastor ou presbítero) ou como diácono.

Em 1 Timóteo 3, o apóstolo Paulo fornece uma lista dos atributos dos bispos e diáconos. E na verdade, estas características não são apenas dos homens em posições de autoridade na igreja, como também atributos que todo homem cristão deve possuir. Esta lista mostra que a masculinidade bíblica é bem diferente da masculinidade deste mundo.

Quais são as características do bispo? Entre outras coisas, ele deve ser irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar, não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, e não avarento. O bispo deve governar bem a própria casa, e deve criar os filhos sob disciplina, com todo o respeito. E

finalmente, ele deve ter bom testemunho dos de fora. As características do diácono, ainda no mesmo capítulo, são semelhantes, e o apóstolo deu uma lista de qualificações semelhante em Tito 1, onde ele escreve que o bispo não deve ser arrogante, nem irascível, nem dado ao vinho, nem violento, nem cobiçoso de torpe ganância, hospitaleiro, amigo do bem, sóbrio, justo, e piedoso.

Os homens estão sempre realizando uma função de liderança, na maioria das vezes. Deus nos colocou na posição de liderança no casamento e também na igreja. Desde a queda, é fácil abusar nossas funções. Lord Acton disse no Século XIX: “*O poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente.*” É fácil utilizar mal o nosso poder e nos comportar como ditadores na família e na casa de Deus em lugar de sermos líderes semelhantes a Cristo. Em vez de liderar como Ele, nós lideramos como gerentes comerciais ou como líderes políticos.

Podemos dizer algo como: “Você deve se comportar nesta maneira. Faça isso, e não faça aquilo.” E quando eles fazem a pergunta, “Por quê?” simplesmente respondermos: “Porque eu sou o chefe, e você deve me obedecer.” Porém, o cristão não deve ser assim, pois ao fazer isto é bem possível causarmos problemas para o rebanho de Cristo. Em vez de ensinarmos que a vida cristã é o oposto da vida mundana, nós ensinaremos que a igreja é uma organização como as outras. Em lugar de ensinarmos a graça de Cristo, ensinaremos legalismo, e conformidade às normas e aos regulamentos externos.

Nossa primeira tarefa, de acordo com 1 Timóteo 3 e em Tito 1, é a liderança pelo exemplo.

Nossa família, nosso relacionamento com as nossas esposas e com nossas crianças, devem ensinar o estilo de vida cristão. Nossa conduta no lar e na igreja deve espelhar Cristo, que lavou os pés dos discípulos, que se humilhou, ao longo da sua vida terrestre; que entregou sua própria vida por causa do seu povo; que exerceu seu poder no contexto de auto-sacrifício.

O poder que temos nesta vida foi dado a nós por Cristo, e deve ser exercido como Ele o exerceu. *“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.”* (Fp 2. 5-8)

Como Cristo, devemos ser “não violento, porém cordato”; devemos ser “inimigos de contendas,” e devemos governar as nossas próprias casas desta maneira também. Como Cristo, devemos liderar humildemente, não com uma atitude arrogante. Ao fazermos isto, a comunidade verá nosso estilo de vida e teremos “bom testemunho dos de fora.” Não porque busquemos elogios dos outros, ou porque queremos o respeito dos homens. Mas quando vivemos como Cristo, eles verão que não somos como o mundo – somos bem diferentes. Somos seguidores de Cristo, o Rei que serve.

Isto não significa covardia e fraqueza, nem que seremos sempre agradáveis sem nunca abrir a boca para corrigir alguém. Pelo contrário, devemos falar a verdade em amor como Cristo fez. Ele nunca hesitou em confrontar

os fariseus, inimigos do Evangelho, usando a expressão “*raça de víboras*” e chamava-os ao arrependimento. Mas, ao mesmo tempo, Ele comia com os pecadores, era paciente, longânimo e amoroso com aqueles que admitiam precisar de Sua graça. Por outro lado, podemos cometer este erro quando queremos viver em humildade. Ter medo de ofender alguém não é liderança, e sim, covardia; ter medo do que os outros vão pensar, medo de sermos rejeitados, de não sermos respeitados se não mostrarmos que nosso poder e masculinidade são parecidos com o deles.

Para sermos homens de Deus, no lar ou na igreja, como pais ou pastores, presbíteros ou diáconos, precisamos de coragem e força, que vêm somente da raiz da verdadeira humildade. E esta, nós só conhecemos por meio do Senhor. Força e coragem são frutos da fé e não de poder pessoal. Muitas vezes, a covardia é disfarçada em uma expressão de masculinidade. Quanto mais inseguros e assustados, mais valentões. Precisamos das características verdadeiras, pois as falsificações nos levarão ao desastre. Somente a fé de verdade poderá nos manter firmes e corajosos, sabendo que não devemos lutar por nossos próprios interesses, pelo contrário, devemos nos colocar em segundo lugar, priorizando sempre os outros e seus direitos.

Precisamos de Cristo e do Seu Espírito Santo, para realizarmos nossa tarefa nos ofícios da igreja. Cristo se comportava com masculinidade verdadeira. Ele enfrentou Seus acusadores em silêncio, Ele não fugiu do destino horrível que Ele sabia que teria de enfrentar; Ele era verdadeiramente forte e corajoso, confiando que seu Pai estaria com Ele.

Para realizarmos nosso chamado em ofícios na família ou na igreja precisamos de fé. É nossa obrigação passar muito tempo com a Palavra de Deus, em oração, em comunhão com a família de Deus, a comunidade da Aliança. A menos que o Espírito Santo esteja operando, será impossível viver a masculinidade verdadeira que Cristo ensina. Não conseguiríamos manter o equilíbrio entre mostrar amor e paciência aos pecadores fracos e manter justiça e disciplina na Igreja. Sem o Espírito, podemos tentar realizar, mas, com certeza, falharemos. Todavia, em Cristo e no poder do Espírito Santo podemos lutar pela unidade da igreja; podemos encorajar uns aos outros, podemos ensinar, exortar e amar o nosso próximo como a nós mesmos. Podemos oferecer uma liderança que serve, assim como nosso Salvador.

Mesmo parecendo extremamente anticultural, é esse tipo de liderança que a Igreja de Cristo precisa. E quando homens vivem como Cristo, eles são o exemplo que o mundo precisa também. É para isto que fomos chamados, e esse é o exercício da masculinidade verdadeira e bíblica.

O Pr. **JIM WITTEVEEN** é ministro da Palavra e dos Sacramentos servindo como missionário da Igreja Reformada em Aldergrove (Canadá) em cooperação com as Igrejas Reformadas do Brasil.

COMO ORGANIZAR ESTUDOS E OUTRAS ATIVIDADES

COM O OBJETIVO DE PROMOVER UMA

MASCULINIDADE

BÍBLICA NA IGREJA

Alan Kleber

A rapidez com que o processo de efeminação tem descaracterizado os homens do nosso tempo demonstra que a masculinidade é um dos temas mais urgentes para a igreja brasileira. A razão de enfrentarmos hoje uma verdadeira crise no tocante a liderança masculina nos lares, sociedade e igrejas cristãs, reside no fato de que muitos pastores e presbíteros não tem ideia para onde estão indo, quando o assunto diz respeito ao significado de ser homem. Uma prova disso é o grande número de livros publicados sobre feminilidade bíblica e pouquíssimos no campo da masculinidade. Definitivamente, nós homens, somos muito autossuficientes!

Então, surge sempre a mesma pergunta: de que maneira podemos promover uma masculinidade bíblica na igreja? Douglas Wilson afirma que *“para os cristãos que buscam ser bíblicos, é importante que essa definição de masculinidade baseie-se no que é ensinado na Escritura”* (Futuros Homens, Cap. 1). De acordo com Wilson, para se promover uma masculinidade bíblicamente sadia na igreja é preciso

recorrer a fonte de autoridade onde podemos aprender acerca da verdadeira varonilidade. A Bíblia é o único livro que pode tornar o menino em um futuro homem. Por meio dela, os filhos do pacto tornam-se sábios para a salvação pela fé em Cristo Jesus, e todo o homem de Deus se beneficia de seu ensino, repreensão, correção e educação para a justiça, sendo aperfeiçoado e habilitado para toda boa obra (2 Tm 3.15-17).

Por onde começar?

Primeiramente, através de um esforço para conscientização dos oficiais da igreja. Presbíteros e diáconos, precisam crer acima de tudo, que masculinidade bíblica é um tema pastoral. Como vivemos em uma cultura feminista e efeminada, os líderes da igreja precisam ser os principais interessados em promover programações para tratar de todos os temas relacionados ao homem, seu chamado e vocação. Caso contrário, continuaremos a ver nossos filhos cada vez mais femininos e os homens sentando nos últimos bancos das nossas igrejas.

Em segundo lugar, os oficiais podem promover estudos, reuniões de oração, palestras, seminários e conferências sobre o assunto. Eles devem envolver os homens e futuros homens da igreja, pais e filhos, velhos e crianças, em uma atmosfera onde a sabedoria coletiva das gerações com seus estereótipos, de maneira bíblicamente orientada, possa ajudá-los a desfrutar de uma sabedoria baseada na tradição e compartilhada por gerações.

Na igreja onde sou pastor, por exemplo, desde 2012 iniciamos um acampamento denominado “Homens do Futuro”. A ideia surgiu de uma preocupação pastoral com os rumos dos garotos da nossa congregação e dos homens mais velhos também! Enquanto entre os mais velhos muitos caminhavam omissos no tocante aos seus deveres como maridos e pais, entre os moços preocupava-me a forma como falavam, gesticulavam e se vestiam. Comecei a perceber a necessidade de promover uma atividade que pudesse unir todas as gerações para estudar o que a Palavra de Deus ensina sobre masculinidade em um ambiente onde os mais novos pudessem aprender e tomar como modelo os mais velhos. Apresentei o projeto ao Conselho de presbíteros e eles apoiaram a iniciativa e passaram a investir nessa área vital da igreja de Cristo.

Quais temas podem ser tratados?

Os assuntos envolvendo o tema da masculinidade na igreja e suas implicações para a vida são diversos. Tomarei como exemplo os temas abordados nas primeiras edições do acampamento “Homens do Futuro” como modelo de sugestão.

1 - Qual o perfil da masculinidade bíblica?

Este é um tema fundamental. Com ele podemos problematizar a questão da ausência da verdadeira masculinidade nos dias atuais. O que é masculinidade? O que estamos buscando quando descrevemos o que é ser homem de acordo com a Bíblia?

2 - Sólida alimentação doutrinária no lar

Aqui a responsabilidade do homem como guia e pastor espiritual de um lar pactual pode ser explorada. Como estabelecer o culto no lar?

3 - A igreja é um lugar para meninas?

Por que ao invés de liderar os homens estão se sentando no último banco? O que acontece quando as mulheres tomam a frente? Cânticos femininos, etc. Como os homens podem preparar sua família para o culto público no Dia do Senhor?

4 - Estudando, trabalhando duro, e administrando dinheiro

Como o garoto deve se disciplinar nos estudos? Como os homens devem trabalhar deixando a preguiça de lado? Sabedoria e riqueza; Ética e teologia da riqueza em contraste com as armadilhas do dinheiro.

5 - Lutas, esportes e competição

Quando e por quais razões um homem deve ou não entrar numa briga? Como devemos tratar a questão dos esportes e das competições?

6 - Como o ferro afia o ferro: fortalecendo-se com amizades bíblicas

Como se dá a dinâmica da verdadeira amizade entre homens cristãos? Como lidar com a questão da amizade com mulheres?

7 - O que um homem deve pensar sobre namoro, casamento e sexo

A prática do respeito pelas mulheres; cortejo e casamento bíblico. Aprendendo a lidar com pecados secretos. A visão bíblica sobre o sexo.

8 – Masculinidade e liberdade cristã

Questões sobre bebidas, drogas, sexo, amizades com o mundo, shows, etc.

9 – O que significa ser um marido pactual?

Traçar o panorama da atual crise de masculinidade; lançar a base conceitual a partir de Gênesis: liderança e pacto. Por onde começar depois de descobrir que não se está no lugar certo?

10 – O amor do marido no lar

O principal dever bíblico do marido: amando a esposa como Cristo ama a igreja (Ef 5); amor bíblico versus amor romântico; como cuidar de sua mulher, tratando-a como vaso mais frágil?

11 – Eu e a minha casa

O pai pactual: liderança e proteção espirituais do lar. Implementar, manter e perseverar na prática do culto doméstico; guiando os filhos em suas escolhas futuras (trabalho, esposa, etc).

12 – O uso da disciplina bíblica na criação dos filhos

Como aplicar o ensino bíblico sobre disciplina no contexto brasileiro? O exercício de amor por parte do pai; Quando e como disciplinar? Considerações quanto à idade; frutos da disciplina piedosa.

13 – Sinais externos de masculinidade

O que os homens cristãos devem pensar sobre roupas, cabelo, barba, tatuagem e adereços, e como os pais devem orientar seus filhos?

Traçar uma linha entre os limites bíblicos e questões culturais.

Organizando um calendário para tratar da masculinidade na igreja

Finalizo este artigo propondo ao leitor algumas dicas de como organizar em seu calendário uma programação para 2018-2019

1. Invista no preparo e formação de seus oficiais com respeito ao tema da masculinidade bíblica. Como disse acima, esse deve ser nosso primeiro foco: envolver nossos presbíteros e diáconos nesse trabalho, mostrando-lhes a necessidade de oferecermos uma sólida alimentação doutrinária para a formação da varonilidade dos homens pactuais. Alguns livros como “Futuros Homens” e “Reformando o Casamento” (CLIRE), “O Homem Bíblico” (NUTRA) e “Homens Fortes” e “Homens Sábios” (FIEL), são excelentes para o estudo do tema.

2. Inclua na agenda de sua igreja uma reunião de oração semanal ou quinzenal para os homens e seus filhos. Certamente, essa será a tarefa mais difícil, uma vez que nós, reformados brasileiros, somos mais conhecidos por nosso apego ao estudo das Escrituras e não ao compromisso com as reuniões de oração. Nesta reunião, inclua o canto dos Salmos (não há maior expressão de masculinidade nos cânticos do que neles). Utilize os catecismos reformados (Heidelberg ou Westminster) para estudo e meditação das Escrituras.

3. Pregue sobre o Livro de Provérbios. Deus nos deu um manual para ensinar masculinidade bíblica aos nossos filhos. Não se esqueça de que Salomão escreveu Provérbios para os meninos do pacto. Pregar e ensinar a sabedoria divina

despertará na alma dos nossos jovens o verdadeiro temor do Senhor. Invista tempo, ore e estude se prepare para incluir no programa anual de sua igreja as instruções desse precioso livro da Bíblia.

4. Organize um encontro anual (se possível um acampamento) só para homens e futuros homens. Tenho provado os efeitos benéficos desse trabalho aqui na igreja em que pastoreio. Vivemos dias tão corridos, e por muitas vezes pensamos que estamos oferecendo o melhor para nossos garotos. Porém, para criá-los ensinando o que de fato significa ser um homem bíblico, é preciso investir tempo naquilo que mais importa. Meninos que tem o privilégio de conviver com pais e oficiais piedosos encontrarão um padrão seguro para seguir. Escolha um bom tema (você pode utilizar qualquer um dos que foram apresentados acima) e não se esqueça de também oferecer instrução adequada para os mais novos.

Por fim, gostaria de encorajá-lo a orar, arregaçar as mangas e colocar a mão na massa. Se trabalharmos duro, pela graça de Deus veremos os frutos. Nós precisamos redescobrir a verdadeira masculinidade bíblica, pois ela não tem nada a ver com a efeminação e nem a macheza deste mundo caído em que vivemos. Cristo é o nosso paradigma da perfeita varonilidade, logo, sua mansidão e força devem ser o maior exemplo para todos os homens, do mais velho ao mais moço. “Garotos são futuros homens. Jovens homens são futuros homens. Isso significa que são futuros maridos e futuros guerreiros. Quando chegarem a esse ponto, as responsabilidades que encontrarão não devem surpreendê-los” (Douglas Wilson, Futuros Homens, CLIRE).

O Pr. **ALAN KLEBER** é Ministro da Palavra e dos Sacramentos, servindo na Igreja Presbiteriana de Aracaju.

COMO É O PROCESSO PARA A ESCOLHA DE OFICIAIS NAS IGREJAS REFORMADAS

Flávio José Silva

Como alguém se torna um oficial na igreja? Nós mesmos podemos decidir sobre a maneira da igreja ser governada ou é a Bíblia quem dá a resposta determinante?

Na época do Antigo Testamento, o povo de Deus se beneficiou da supervisão de anciãos. O próprio Senhor Deus mandou Moisés reunir os anciãos de Israel para anunciar a libertação da escravidão do Egito. Já em sua peregrinação pelo deserto, o SENHOR falou a Moisés para escolher setenta homens para carregar o peso do povo juntamente com ele. Moisés e os anciãos tinham autoridade para governar o povo. Já no final de seu ministério, Moisés deu a todos os anciãos a Lei para governar o povo de Deus. Na terra prometida, aqueles anciãos cumpriam seus ofícios nas cidades onde moravam. (Podemos verificar isso em textos como: Êx 3.16; 17.5; Nm 11.16; Dt 27.1; 31.9; Js 20.4 e Jz 8.16).

No Novo Testamento, vemos um certo desenvolvimento no governo da igreja. Primeiramente havia os apóstolos, eram auxiliados

pelos evangelistas. Mas, logo depois da época inicial e extraordinária, as igrejas receberam uma organização mais fixa. Os apóstolos nomearam presbíteros, com a cooperação das congregações, para cada Igreja. O que chama a atenção aqui é a congregação envolvida no processo. O corpo de Cristo, como uma congregação local, estava envolvido na eleição de homens para o ofício. Apóstolos e presbíteros se reuniam para tomarem decisões às quais as Igrejas estavam subordinadas.

O apóstolo Paulo, em suas cartas a Timóteo e a Tito, dá instruções a respeito dessa forma de governo fixa. Nestas duas cartas classificadas como pastorais, sob a inspiração do Espírito Santo, ele escreve sobre uma organização que regeria a igreja daquele século em diante. Ele mandou Tito nomear presbíteros em cada cidade. O Novo Testamento chama estes oficiais não somente de presbíteros ou anciãos, mas também de bispos ou supervisores, pastores e sentinelas (1Tm 1.1; 3.1-13; Tt 1.5-9). Paulo encarregou os bispos ou supervisores de atenderem pelo rebanho sobre o qual

o Espírito Santo os havia constituído pastores. Mas não foi só o apóstolo Paulo quem deu essa tarefa, Pedro também advertiu aos Presbíteros para que pastoreassem o rebanho de Deus que havia entre eles (1 Pe 5.2)

“Presbítero” é um ofício cuja autoridade foi dada por Cristo. Eles são os pastores das ovelhas de Cristo e devem cumprir suas tarefas, sempre lembrando o povo de Deus das ordenanças dEle, exercendo disciplina sobre os desobedientes, cuidando do rebanho e defendendo as ovelhas contra os perigos que as ameaçam.

Conforme 1 Timóteo 5.17, haviam presbíteros que governavam, e outros que ensinavam e pregavam, o que chamamos hoje de Ministros da Palavra. Eles receberam o ministério da reconciliação, do qual o apóstolo Paulo diz em 2 Coríntios 5.18-20: *“Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus”*.

Como encarregado da casa de Deus, juntamente com os presbíteros, ele deve cuidar para que tudo seja feito com decência e ordem. Para isso, ele supervisiona a doutrina e a vida dos membros da Igreja e cuida do rebanho. Conforme o mandamento de Cristo, ele administra a chave da disciplina cristã, por meio da qual ele abre o reino dos céus para aqueles que creem, e o fecha para os incrédulos.

O povo de Deus, no Antigo Testamento, tinha a obrigação de mostrar misericórdia para com os necessitados. O estrangeiro, o órfão e a viúva tinham que ser assistidos. Os necessitados e os oprimidos eram protegidos e providos pelo amor paternal de Deus. A primeira Igreja cristã cuidava para que ninguém em seu meio estivesse sofrendo. Distribuía-se a todos à medida que alguém tinha necessidade (At 2.45; 4.32-37).

Para o cuidado da obra de caridade e misericórdia, Cristo deu diáconos à sua Igreja. Os apóstolos perceberam que, de algum modo, estavam abandonando a pregação da Palavra dedicando tanto tempo à assistência aos necessitados. Por esta razão, entregaram este serviço a sete irmãos, eleitos pela congregação (At 6.1-7; Gl 6.10; Fp 1.1; 1Ts 3.12; 2Pe 1.7)

A grande questão é: Como alguém se torna oficial na igreja de Cristo? A Confissão de Fé das IRB (Confissão Belga), no artigo XXXI diz: *“Cremos que os ministros da palavra de Deus, os presbíteros e os diáconos devem ser escolhidos para seus ofícios mediante eleição legítima pela igreja, sob invocação do nome de Deus e em boa ordem, conforme a palavra de Deus ensina. Por isso, cada membro deve cuidar para não se apoderar do ofício por meios ilícitos, mas deve esperar a hora em que é chamado por Deus, a fim de ter, assim, a certeza de que sua vocação vem do Senhor.”*

É necessário que uma pessoa chegue ao ofício *“mediante eleição legítima pela igreja...”* Qual o fundamento para tal consideração? A própria Escritura Sagrada. Na escolha de uma pessoa para ocupar o lugar de Judas Iscariotes, a igreja propôs dois nomes *“Então propuseram dois: José chamado Barsabás,*

cognominado Justo, e Matias.” (At 1.23). Em Atos 6, o denominado “colégio dos sete”, a congregação escolheu. Na indicação de Paulo e Barnabé como missionários, Deus usou a congregação em Antioquia para a escolha e consagração: *“E servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: separai agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, e impondo as mãos, os despediram.”* (At 13.2-3). A igreja deve participar da escolha de oficiais para a congregação.

O artigo 3 do Regimento das IRB trata especificamente sobre como, quando e quem deve exercer um ofício: *São elegíveis para os três ofícios somente membros masculinos que tenham feito pública profissão de fé, satisfaçam as qualificações bíblicas conforme 1 Tm 3.6 e Tt 1.6-9, e forem legitimamente chamados. O chamado legítimo é realizado pelo conselho com os diáconos que nomeiam os irmãos após a eleição pela congregação, realizada com orações, e de acordo com o regulamento local adotado para este fim. Antes da ordenação ou instalação pelo conselho, os nomes dos irmãos devem ser anunciados publicamente para assegurar que não haja alguma objeção legítima contra as nomeações. A ordenação de oficiais somente será realizada usando as formas adotadas para este fim.*

A eleição deve seguir os meios legítimos e deve acontecer sob invocação do nome de Deus. Ao fazer isto, a igreja está reconhecendo que pode errar ao escolher seus oficiais e, por isso roga a Deus para que, por meio dela, Ele faça a Sua vontade, que é sempre boa, diz João Calvino. Vemos um modelo positivo dis-

so na escolha de Matias: *“Tu, Senhor, que conheces o coração e todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido”* (At 1.24).

Mas a igreja invoca o nome do Senhor pedindo sabedoria também para o irmão escolhido. O regulamento local aprovado e adotado pela Igreja Reformada em Maceió, onde sirvo como Ministro da Palavra e dos Sacramentos, mostra uma boa prática, *“A eleição acontecerá no Domingo agendado pelo Conselho. Essa eleição será feita depois do culto da manhã, observando os seguintes parâmetros: a) No Domingo em que houver as eleições também haverá Santa Ceia; b) Na semana que antecede a eleição haverá uma noite de oração; (...) d) A reunião deve iniciar com uma oração direcionada a Deus para que Ele purifique os corações de todos os membros e candidatos e para guiá-los por meio da sua Palavra e do Seu Espírito Santo; (...).”*

Outro elemento importante na escolha de oficiais é que tudo deve ocorrer em boa ordem. Nós não temos na Bíblia um regulamento detalhado de como se dá a participação da congregação na escolha de oficiais. É responsabilidade de cada igreja local organizar a participação dos membros na eleição dos oficiais da igreja, bem como, de todo processo que começa com a indicação de nomes por parte da igreja, depois a eleição, nomeação e ordenação de oficiais. Normalmente, o regulamento de uma igreja local para eleição de oficiais contém pontos como: a definição de candidatos (seguindo a regra de 1 Tm 3.6 e Tt 1.6-9); a eleição; a nomeação; a ordenação; o tempo de mandato (art. 18 do Regimento das IRB); e como resolver situações não previstas no regulamento.

Infelizmente, a história da igreja tem mostrado que quando a igreja adota uma forma de governo mundano, facilmente se vê um povo escravizado. Pense no poder que tem o “papa”, agindo como um rei, um soberano, ou na forma que a igreja de Roma castigava e penitenciava os hereges. É de suma importância, que a igreja siga a direção que o Senhor dela ensinou em sua Palavra para ter seus oficiais. Efésios 4.11,12, diz: *“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, com vista ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, ...”* Nossa Confissão de Fé diz: *“Por isso, cada membro deve cuidar para não se apoderar do ofício por meios ilícitos, mas deve esperar a hora em que é chamado por Deus, a fim de ter, assim, a certeza de que sua vocação vem do Senhor.”* Isto significa que existe uma maneira correta de tornar-se presbítero ou diácono.

Desejar ser um oficial na igreja de Cristo é uma coisa excelente. O apóstolo Paulo escrevendo a Timóteo, em sua primeira carta diz: *“Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja.”*(1Tm 3.1). Mas ele não

pode levantar a sua própria candidatura ou fazer campanha para si mesmo com a finalidade de angariar votos. A grande questão é, de onde vem o ofício? Do Senhor ou de um desejo pessoal dele? Os oficiais devem ter a certeza de que foi o próprio Deus quem os chamou. *“Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus”* (Hb 5.4). O membro deve esperar a hora em que Deus o chama, para que esteja certo de que sua vocação vem do Senhor. Deus chama para o ofício usando a Igreja.

Em boa parte das denominações e seitas, os oficiais não são eleitos pela igreja. Os oficiais “superiores” escolhem e ordenam (consagram) os oficiais “inferiores”. Isto acontece porque acreditam em uma hierarquia entre oficiais. Sejam os “papas”, “apóstolos”, “cardiais” romanistas ou gospel, cada escolha e nomeação é uma “transação” realizada entre oficiais. Porém, isso não condiz com chamado legítimo dado por Deus.

O Pr. FLÁVIO JOSÉ SILVA é ministro da Palavra e dos Sacramentos na Igreja Reformada em Maceió/AL.

R E V I S T A
D I A K O N I A

“SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR.”



INSTITUTO
JOÃO CALVINO



*Toda semana publicamos novos artigos em revistadiakonia.org.
Visite o site, inscreva-se em nosso Informativo e receba notificações sobre
novas publicações.*